

## O ENSINO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL NA UNISC NUMA PROPOSTA REGIONAL

*Ana Maria Strohschoen\**

A proximidade do terceiro milênio está colocando diversos desafios para a reflexão nos agentes culturais no campo da comunicação social. Analisar e discutir estes desafios impõe-se como tarefa primordial do recém-criado Curso de Comunicação na UNISC. A UNISC tem como premissa fundamental a realidade regional, onde o objetivo principal é buscar soluções e respostas a partir de professores, estudantes, pesquisadores e futuros profissionais comprometidos com o ensino, pesquisa e extensão. E o que significa este tempo novo marcado pela mídia, pelas imagens que varrem a sociedade? O novo não está apenas com a introdução de uma disciplina, mas nela acontece como consequência da compreensão do processo comunicativo. Assim, o trabalho no campo do ensino de comunicação desemboca na produção e na busca de alternativas que se impõem pela necessidade de quebrar a unidirecionalidade do processo existente. O ensino de comunicação enquanto prática pedagógica implica também em valorizar positivamente os meios e suas possibilidades. Por outro lado, implica em reconhecer que estes meios não são neutros e estão diretamente vinculados aos condicionamentos sociais existentes. Neste sentido, quando a UNISC fala em Universidade regional e consequentemente nosso curso, deve-se situar a comunicação num processo mais global que se orientará pelos seguintes princípios:

**A) Criticidade:** O curso deve produzir e divulgar um saber crítico, isto é, justificado pela sua coerência e lógica interna, e pela capacidade de desvelar os mecanismos ideológicos de ocultamento das estruturas de poder presentes na ciência, na comunicação e na sociedade.

**B) Pluralidade:** O curso se caracterizará pela abertura aos diversos enfoques e abordagens teóricas, confiando que o avanço científico é possível justamente através do debate e confrontação de diferentes pontos de vista.

---

\* Coordenadora do Curso de Comunicação Social da UNISC

C) **Interdisciplinaridade:** O curso favorecerá o intercâmbio entre as diferentes disciplinas e áreas do saber, possibilitando aos alunos uma visão de conjunto da realidade.

D) **Unidade teórico-prática:** Em todos os momentos e disciplinas buscar-se-á unir reflexão e ação, visando não apenas contemplar e sim transformar.

E) **Criatividade:** Sob o pressuposto de que o saber é criação e recriação contínua, prevalecerá o objeto de formar os estudantes não para consumir e sim para produzir saber comunicativo.

F) **Efetividade:** Partindo do entendimento de que a ciência sempre é condicionada pelos interesses sociais, o curso visará formar nos estudantes uma consciência fundamentada na intenção de colocar o saber a serviço dos interesses que signifiquem o desenvolvimento integral do ser humano.

G) **Integração com a comunidade regional:** O conhecimento da realidade regional e intercâmbio com os vários segmentos da comunidade serão considerados no curso de Comunicação Social como uma condição para a concretização dos princípios e objetivos do curso.

No caso da comunicação, a especificidade do papel do comunicador profissional se dá como facilitador de discursos e não mero mediador. E esta é a diferença que a nossa proposta quer apontar: o comunicador enquanto agente cultural atento em primeiro lugar à realidade do crescente controle que poucas pessoas ou grupos exercem sobre a coleta e processamento das informações. Neste caso, cabe-lhes conhecer com profundidade os discursos pronunciados quer pelos que detêm os recursos técnicos, quer o discurso das várias classes de receptores e usuários.

Todo mito perde sua razão de ser no momento em que sua função é descoberta pelos que com ele se iludem. É preciso, portanto, derrubar os mitos, ou pelo menos tentar fazê-lo em sala de aula, com conferências, nas práticas laboratoriais, no próprio exercício da pesquisa científica ou no relacionamento professor-aluno no sentido de valorizar os profissionais que atuam na região. Caminhando-se assim, não tardará a transformação esperada e exigida da universidade brasileira, cujos conceitos e dogmas se reproduzem também nas escolas de comunicação: o distanciamento do professor-aluno; a compartimentalização do saber; a falta de interdisciplinariedade; o esmagamento da criatividade; a concorrência pela recompensa de melhores notas; o cerceamento da liberdade de expressão em sala de aula; a repetição de conceitos científicos; padrões de pesquisa alienígenas; a falta de questionamento do que já existe; a falta de imaginação; a esterilidade intelectual e muito

mais.

A caminhada, porém, mal começou. É a partir de agora, depois de aberta a primeira picada numa selva que parecia impenetrável, que haverá de se dar o verdadeiro desbravamento e tentar aproximar a universidade do meio social. Engajá-la numa prática de transformação social incentivando a interdisciplinariedade e o desenvolvimento pleno das habilidades comunicativas, não apenas técnicas como também reflexivas. Até que ponto os comunicadores estão sensibilizados naquilo que é a sua razão de ser?

Neste sentido, tendo em vista que a base da existência da comunicação é a percepção da vida, o sentido do Curso de Comunicação Social da UNISC optou por uma nova disciplina chamada Laboratório de Criação, 2º semestre. Esta disciplina tem o objetivo de desenvolver habilidades em torno do processo criativo relacionando a comunicação com a esfera criativa e a produção de subjetividade.

Evidentemente esta proposta está relacionada com o fazer pesquisa sobre comunicação, com a formação de profissionais altamente qualificados, com o senso ético tão grande e até maior que o conhecimento específico do meio no qual eles vão trabalhar.

Com base na análise da estrutura fundiária como importante referencial no estudo do processo de desenvolvimento regional e também na medida em que esta tende a impor os limites para a exploração econômica do espaço regional levamos em consideração estes dados para a implantação da disciplina Comunicação Rural.

Ao analisar a distribuição populacional regional verificamos que 50,76% da população reside na área rural (205.419 habitantes), comportamento distinto do Estado onde a população rural representa 23,44% da população total (Fonte IBGE, 1994).

A regionalização, tema também abordado por inúmeros profissionais da comunicação, como Alberto Dines, merece com certeza, reflexões mais aprofundadas. Apesar do mercado do interior, especificamente o do Vale do Rio Pardo e Taquari, contar com 20 rádios AM/FM, 30 jornais e 1 emissora de TV, são poucas as opções para consumo de informação. O que se consome, em sua totalidade, vem de fora. Só resta creditar muita razão a Alberto Dines quando coloca que as escolas de comunicação estão se afastando do seu verdadeiro mercado de trabalho. O fato é facilmente comprovável pois as escolas além de não enfatizarem este mercado, são de certa forma forçadas a atender os interesses dos grandes centros e conseqüentemente dos grandes veículos. A assertiva de que um ex-aluno está exercendo a profissão num grande

veículo tem muito mais valor do que aquela sobre o ex-aluno que exerce a profissão num pequeno jornal do interior. Isto é um grande problema, pois o aluno sonha escrever grandes questões, e no interior o assunto pode ser apenas o buraco da rua na esquina.

O projeto do curso de Comunicação Social da UNISC fundamentou-se na contingência e as distorções acontecidas no ensino de comunicação social em todo o país, resultaram do divórcio entre a universidade e o mundo do trabalho. Daí a divergência entre empresários da comunicação e a comunidade acadêmica cujo momento de maior tensão foi a campanha encetada no final dos anos 70 para o fechamento dos cursos de comunicação. Essa campanha serviu para alertar os dirigentes universitários sobre a necessidade de transformações profundas nos cursos e permitiu também aos empresários compreender que a formação dos comunicadores é uma conquista da sociedade que não pode ser suprimida.

O que de fato queremos destacar é perceber que a prática é o fundamento e a finalidade da teoria, na comunicação social ou em qualquer outro ramo da atividade humana. É ela quem determina o progresso do conhecimento e coloca exigências a serem superadas pelo desenvolvimento da teoria. Para fazer juz ao nome ela deve adiantar-se à prática e influir no seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que responde às suas exigências. Mas assim como não são opostas, teoria e prática também não são a mesma coisa. Há uma relação de unidade entre elas, mas não de identidade. A relativa autonomia da teoria não significa que ela possa ter a pretensão de realizar-se desligada de uma prática concreta. Nem é possível imaginar uma prática que se renove sem a introdução em si de elementos teóricos. Para que se possa ter ensino e pesquisa enriquecedores na comunicação social, é preciso que o hiato entre a teoria e prática deixe de existir nas escolas.

Porém, se fazem necessárias mudanças mais profundas e que podem ser antecipadas com o trabalho de colaboração efetiva das empresas jornalísticas até no que diz respeito à sua própria função de informar. Em suas matérias sobre ensino e educação, muito pouco se vê de como se desenvolvem os trabalhos nestas universidades. Nenhuma denúncia se ouve sobre locais não cumpridores dos dispositivos legais para o seu funcionamento, como nenhum estímulo se propaga às escolas que buscam atuar de forma a desenvolver cada vez mais o jornalista, o publicitário e o relações públicas e áreas afins.

O curso foi, sem dúvida, um primeiro passo em relação ao ensino da comunicação social e principalmente no que diz respeito às suas

especificidades regionais. Por outro lado, todos têm ainda muito a fazer, sejam professores, profissionais de imprensa geral, empresários da área e estudantes.

O momento atual não poderia ser mais oportuno, afinal o país passa por um momento de valorização da ética, do consumidor, do cidadão. Que o curso de Comunicação da UNISC se transforme no esteio à união de todos por uma comunicação quer na academia, quer na empresa, mais democrática, mais solidária:

1. Com o prosseguimento da tarefa de conscientização das instituições educacionais sobre a importância e a necessidade dos laboratórios.

2. Com o diagnóstico executado pelo MEC nos laboratórios a fim de, através da observação científica, avaliar os órgãos em funcionamento.

3. Com o acompanhamento do sindicato dos jornalistas, relações públicas e publicitários e da própria imprensa sobre o currículo e o funcionamento dos laboratórios nas escolas.

4. Com profissionais de comunicação ministrando as disciplinas profissionalizantes.

5. Com a requalificação da universidade brasileira.

6. E "sem educadores e educandos, mas todos aprendizes"(Paulo Freire).

Sem dúvida alguma os comunicadores e a comunicação no Brasil poderão atuar como autênticos agentes de transformação social, criando condições para que as pessoas exerçam seu direito à comunicação.